

Ordem Natural

Por falta de pretendentes a sucessão presidencial de 2002 não terá problema de qualquer natureza. Mas a questão é outra. Excesso de candidatos é melhor que escassez, e só implica riscos eleitorais para eles próprios. Tudo se resume em não errar o momento certo de se apresentar. As especulações atuais, precárias por irrealismo, apenas ocupam o vazio da falta de assunto, dada a impossibilidade de outra recandidatura presidencial. É um exercício de fuga às questões reais.

Candidatos em excesso não resolvem equações políticas com muitas incógnitas e confundem os eleitores. Cria-se a impressão de debate irreal, para distrair os cidadãos. As pesquisas de opinião têm interesse de apostas, sem consequência política: até o fim do prazo legal (um ano) é possível a troca de legenda. A antecendência se volta contra os que querem apenas não ser ultrapassados. O risco, porém, é maior que o benefício pretendido. Candidatos à margem naufragam em terra. É da natureza das coisas.

No momento em que o Congresso faz esforço acima dos seus hábitos para ser digno da imagem de operosidade, da qual se descuidou ao longo do ano, os candidatos de plantão procuram apenas se fazerem lembrados (ou não serem esquecidos). Ao lado, os que marcam presença ressaltando que não são candidatos mas se precisarem podem contar com ele. Por último, a categoria se completa com os que aguardam no anonimato a ocasião de serem lembrados. Quando convém não aparecer, a técnica é conceder publicamente a prioridade a quem esteja no jogo preliminar. É uma forma de queimá-los logo com as próprias aspirações.

Por ser Fernando Henrique carta fora do baralho os partidos que dão suporte político e parlamentar ao governo se ericam. Sentem-se liberados e ficam de olho no futuro. A aliança entre o PSDB, o PFL e o PMDB está historicamente esgotada no que respeita à sucessão. O PSDB sente o gosto da liberdade depois de tanto constrangimento, no governo Fernando Henrique, com os parceiros da eleição. Os social-democratas são ma-

rinheiros de primeira viagem.

Já o PMDB, que chegou tarde ao governo, tem pressa e abre o seu leque de candidatos ao jogo presidencial. Reavalia as possibilidades de candidaturas mais à esquerda ou mais à direita, conforme a necessidade se apresente. Sabe, por experiência, que o tempo longo demais de plantão expõe candidato ao sol e ao sereno. Ulisses Guimarães era o candidato natural do partido e não precisava dizer. Estava implícito. Mesmo reverenciado por toda parte como "Doutor Diretas" chegou em 7º lugar, na primeira eleição direta. Nunca mais a legenda se refez.

A terceira coluna de sustentação parlamentar do governo, o PFL, mantém vocação para o poder e indisposição para a oposição: trocou de nome na passagem do governo militar para mãos civis, continuou a se dar bem mas também admite com cautela candidato próprio. Sente-se desvinculado do passado, desde que assumiu a identidade liberal sobre seu espírito conservador. Insinua candidatura própria para manter posição na hora de negociar. Mas faz total sigilo sobre nomes.

O vácuo deixado pela impossibilidade legal de recandidatura do presidente Fernando Henrique exerce atração irresistível sobre as legendas que formam o conglomerado oposicionista. Cada qual se sente dotado com o melhor quinhão eleitoral e se ocupa da própria imagem, sempre de olho nas pesquisas. Por enquanto, o prejudicado é o adiado sonho de unidade das esquerdas em torno de um único candidato. Cada um se considera disposto a fazer a unificação, desde que seja seu o candidato. Os nomes estão à vista e dispensam citação. O PT comparece com o mesmo candidato da primeira sucessão direta.

No entanto, este é o ano eleitoral que vale por si mesmo. Prefeituras e câmaras de vereadores se elegem na base municipal sobre a qual os partidos cravam suas estacas. E de alguma forma o resultado político decantado de 4 mil e tantos municípios é um capital político valioso para a eleição de governadores e do futuro presidente, quando chegar o momento. Não há como inverter impune a ordem natural.